

ROTEIRO DE ATIVIDADES

- 2º bimestre da 2ª Série do Ensino Médio: 1º CICLO – Conto e Romance no Realismo e Naturalismo Versão revisada

APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Neste roteiro, será apresentada a primeira série de atividades articuladas de *leitura, uso da língua e produção textual* que fornecerão uma visão bem próxima sobre conto e romance no Realismo e Naturalismo.

TEXTO GERADOR I

Na segunda metade do século XIX, surge o Realismo, um estilo literário que se opõe ao egocentrismo, à subjetividade e à fuga da realidade, características tipicamente românticas. Um exemplo disso é a obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, em que o personagem Bentinho tenta unir as duas pontas de sua vida, ou seja, a velhice e a juventude”, contando esse trajeto através de sua memória, de seu ponto de vista.

O capítulo a seguir narra a passagem em que os dois casais (Escobar e a mulher Sancha, Bento e a mulher Capitu) passam juntos a noite de sábado na casa de Escobar. Este convida o casal Santiago a voltarem no domingo para jantar e discutirem um projeto para os quatro em conjunto. Sancha, curiosa, aproxima-se de Bento e o interpela sobre o assunto tratado. Nesse ínterim, há uma aproximação entre os dois.

CAPÍTULO 118

A MÃO DE SANCHA

Tudo acaba, leitor; é um velho truísmo, a que se pode acrescentar que nem tudo o que dura, dura muito tempo. Esta segunda parte não acha crentes fáceis; ao contrário, a ideia de que um castelo de vento dura mais que o mesmo vento de que é feito, dificilmente se despegará da cabeça, e é bom que seja assim, para que se não perca o costume daquelas construções quase eternas.

O nosso castelo era sólido, mas um domingo... Na véspera tínhamos passado a noite no Flamengo, não só os dois casais inseparáveis, como ainda o agregado e prima Justina. Foi então que Escobar, falando-me à janela, disse-me que fôssemos lá jantar no dia seguinte; precisávamos falar de um projeto em família, um projeto para os quatro.

— Para os quatro? Uma contradição.

— Não. Não és capaz de adivinhar o que seja, nem eu digo. Vem amanhã.

Sancha não tirava os olhos de nós durante a conversa, ao canto da janela. Quando o marido saiu, veio ter comigo. Perguntou-me de que é que faláramos; disse-lhe que de um projeto que eu não sabia qual fosse; ela pediu-me segredo, e revelou-me o que era: uma viagem à Europa dali a dois anos. Disse isto de costas para dentro, quase suspirando. O mar batia com grande força na praia; havia ressaca.

— Vamos todos? perguntei por fim.

— Vamos.

Sancha ergueu a cabeça e olhou para mim com tanto prazer que eu, graças às relações dela e Capitu, não se me daria beijá-la na testa. Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo. A noite era clara.

Dali mesmo busquei os olhos de Sancha, ao pé do piano; encontrei-os em caminho. Pararam os quatro e ficaram diante uns dos outros, uns esperando que os outros passassem, mas nenhuns passavam. Tal se dá na rua entre dois teimosos. A cautela desligou-nos; eu tornei a voltar-me para fora. E assim posto entrei a cavar na memória se alguma vez olhara para ela com a mesma expressão, e fiquei incerto. Tive uma certeza só, é que um dia pensei nela, como se pensa na bela desconhecida que passa; mas então dar-se-ia que ela, adivinhando... Talvez o simples pensamento me transluzisse cá fora, e ela me fugisse outrora irritada ou acanhada, e agora por um movimento invencível...

Invencível; esta palavra foi como uma bênção de padre à missa, que a gente recebe e repete em si mesma.

— O mar amanhã está de desafiar a gente, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim.

— Você entra no mar amanhã?

— Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa.

Apalpei-lhe os braços, como se fossem os de Sancha. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Não só os apalpei com essa ideia, mas ainda senti outra coisa; achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar.

Quando saímos, tornei a falar com os olhos à dona da casa. A mão dela apertou muito a minha, e demorou-se mais que de costume.

A modéstia pedia então, como agora, que eu visse naquele gesto de Sancha uma sanção ao projeto do marido e um agradecimento. Assim devia ser, mas um fluido particular que me correu todo o corpo desviou de mim a conclusão que deixo escrita. Senti ainda os dedos de Sancha entre os meus, apertando uns aos outros.

Foi um instante de vertigem e de pecado. Passou depressa no relógio do tempo; quando cheguei o relógio ao ouvido trabalhavam só os minutos da virtude e da razão.

—... Uma senhora deliciosíssima, concluiu José Dias um discurso que vinha fazendo.

— Deliciosíssima! repeti com algum ardor, que moderei logo, emendando-me: Realmente, uma bela noite!

— Como devem ser todas as daquela casa, continuou o agregado. Cá fora, não; cá fora o mar está zangado; escute.

Ouvia-se o mar forte, — como já se ouvia de casa, — a ressaca era grande e, a distância, viam-se crescer as ondas. Capitu e prima Justina, que iam adiante, detiveram-se numa das voltas da praia, e fomos conversando os quatro; mas eu conversava mal. Não havia meio de esquecer inteiramente a mão de Sancha nem os olhos que trocamos. Agora achava-lhes isto, agora aquilo. Os instantes do Diabo intercalavam-se nos minutos de Deus, e o relógio foi assim marcando nós à porta. Prima Justina dormiu em nossa casa; iria embora, no dia seguinte, depois do almoço e da missa. Eu recolhi-me ao meu gabinete, onde me demorei mais que de costume.

O retrato de Escobar, que eu tinha ali, ao pé do de minha mãe, falou-me como se fosse a própria pessoa. Combati sinceramente os impulsos que trazia do Flamengo; rejeitei a figura da mulher do meu amigo, e chamei-me desleal. Demais, quem me afirmava que houvesse alguma intenção daquela espécie no gesto da despedida e nos anteriores? Tudo podia ligar-se ao interesse da

nossa viagem. Sancha e Capitu eram tão amigas que seria um prazer mais para elas irem juntas. Quando houvesse alguma intenção sexual, quem me provaria que não era mais que uma sensação fulgurante, destinada a morrer com a noite e o sono? Há remorsos que não nascem de outro pecado, nem têm maior duração. Agarrei-me a esta hipótese que se conciliava com a mão de Sancha, que eu sentia de memória dentro da minha mão, quente e demorada, apertada e apertando...

Sinceramente, eu achava-me mal entre um amigo e a atração. A timidez pode ser que fosse outra causa daquela crise; não é só o Céu que dá as nossas virtudes, a timidez também, não contando o acaso, mas o acaso é um mero acidente; a melhor origem delas é o céu. Entretanto, como a timidez vem do céu, que nos dá a compleição, a virtude, filha dela, é, genealogicamente, o mesmo sangue celestial. Assim refletiria, se pudesse; mas a princípio vaguei à toa. Paixão não era, nem inclinação. Capricho seria, ou quê? Ao fim de vinte minutos era nada, inteiramente nada. O retrato de Escobar pareceu falar-me; vi-lhe a atitude franca e simples, sacudi a cabeça e fui deitar-me.

(ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Rovel, 2008, pp. 161-162.)

[TRECHO REMOVIDO]

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

No capítulo “A mão de Sancha”, Machado de Assis descreve, de uma maneira sutil, uma conversa com Sancha, esposa de seu amigo Escobar. Há um tom de sensualidade revelado pela atitude de Bento em relação à esposa de seu amigo. As sensações provocadas pelo contato físico com as mãos de Sancha e o enigma do olhar da esposa estão presentes nesse capítulo, bem como o fascínio e a repulsa, sentimentos contraditórios.

Releia esta passagem.

“Sancha ergueu a cabeça e olhou para mim com tanto prazer que eu, graças às relações dela com Capitu, não se me daria beijá-la na testa. Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo. A noite era clara.”

- Nesse trecho, o narrador-personagem descreve os olhos de Sancha de maneira sensual. Comente o tipo de descrição usada por ele (descrição objetiva ou subjetiva), levando em conta os qualificadores usados como recurso.

Habilidade trabalhada

Caracterizar os processos de descrição objetiva e subjetiva, diferenciando-as.

Resposta comentada

O aluno deverá responder que se trata de uma descrição subjetiva de Sancha e que, embora sucinta, sugere uma atração física da parte de Bento por ela. Para isso, o mesmo fez uso dos adjetivos “quentes e intimativos”, demonstrando emissão de juízo de valor.

Segundo CARNEIRO (1996), a descrição subjetiva é a apreensão da realidade interior. O objeto é descrito de acordo com a sensibilidade do observador que privilegia a linguagem conotativa, representada por figuras de linguagem. Já a descrição objetiva é a reprodução fiel do objeto. É a visão das características do objeto (tamanho, cor, forma, espessura etc.), predominando o uso da linguagem denotativa e a exatidão das palavras.

[TRECHO REMOVIDO]

TEXTO GERADOR II

“O Cortiço” (1890) é considerada a obra máxima de Aluísio Azevedo na qual há uma objetividade implacável. Esse romance representa a maturidade de um escritor preocupado em registrar e analisar à luz da Ciência as mazelas da sociedade brasileira. A preocupação social é um traço marcante da obra do autor que buscava com singular capacidade de observação compreender cientificamente os elementos determinantes da realidade do Brasil.

O capítulo a seguir mostra, de maneira trágica, a chegada dos herdeiros de Bertoleza à casa de João Romão para resgatá-la, pois a mesma é escrava fugitiva da fazenda deles.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Série Bom Livro, Editora Ática, 1997. p.p. 206-207.)

O CORTIÇO

O jantar correu frio e contrafeito; os dois sentiam-se ligeiramente dominados por um vago sobressalto. João Romão foi pouco além da sopa e quis logo a sobremesa.

Tomavam café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já! respondeu este. E acrescentou para o Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estroina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos, que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravía, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgou o ventre de lado a lado.

E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

[TRECHO REMOVIDO]

QUESTÃO 6

ATIVIDADE DE LEITURA

Leia esta passagem:

“Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravía, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgou o ventre de lado a lado.”

Apoiando-se no contexto histórico-social da época e no texto *O Cortiço*, explique a reação de Bertoleza diante de todos.

Habilidade trabalhada

Relacionar a literatura realista/naturalista ao contexto sócio-histórico.

Resposta comentada

O aluno deverá responder que ainda havia escravidão no Brasil e que Bertoleza fora enganada pelo negociante e amante João Romão. Como não sabia ler, confiou na veracidade da Carta de Alforria que tinha sido falsificada por ele. Ao descobrir a verdade, com a chegada dos herdeiros, preferiu morrer a voltar a ser escrava. Sua reação foi comparada à de um animal: “erguendo-se com ímpeto de anta bravía”. Em outras palavras, é como se tivesse agido por instinto.

[PUBLICAR]

Referência Bibliográfica

1. CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. Moderna: Rio de Janeiro: Editora, 2000.

2. CEREJA, William Roberto 4 MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Português Linguagens Literatura*. Produção de texto. Gramática. Vol. 2. Editora Saraiva: São Paulo, 2010.

3. FIORIN, J. L. e PLATÃO, F. *Para entender o texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1998.

4. KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

5. NICOLA, José de & INFANTE Ulisses. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. 7ª. edição, editora Scipione, 2000.

6. SAVIOLI, Francisco Platão de. *Gramática em 44 lições*. 15 ed. São Paulo: Ática, 1989.

Comentário

Após a aplicação do RA preliminar e de todo estudo do Realismo Naturalismo, apliquei o RA original em minhas turmas e faço as seguintes considerações:

Os alunos realizaram as atividades com interesse e participação, provavelmente por terem assistido aos filmes "O Cortiço" e "Dom", além da leitura dos livros "O Cortiço" e "Dom Casmurro".

- Gostaram do material e comentaram que o mesmo tem uma linguagem fácil.
- Comentaram que, após a aplicação do RA, foi possível ter "uma visão geral" da prosa realista e do contexto histórico-social da época.
- Alguns alunos tiveram dificuldades ao fazer o texto científico, mas acharam interessante a técnica e com o apoio do professor de Biologia, o trabalho de Produção Textual ficou mais enriquecido. Tal atividade será feita com mais frequência este ano.
- Foi muito positiva a aplicação do material, pois enriqueceu as aulas.
- Os links foram motivadores, ricos e diversificados.
- A troca de ideias com o grupo só fez aumentar a minha experiência e novas possibilidades para motivar os alunos.
- O material foi partilhado com todas as outras turmas da 2ª. série do E.M. de meu colégio e houve muitos elogios dos outros professores pela qualidade do mesmo.
- Alguns alunos baixaram os livros no celular, fazendo uso pedagógico do mesmo.
- Foi realizado um "Debate" sobre os filmes e os livros já citados e solicitado um "Comentário" sobre a linguagem desses gêneros (cinema e literatura).
- O que me motivou a fazer as adaptações no RA foi acrescentar questões que julguei necessárias para meus alunos, enriquecendo assim o RA original.

Diante do exposto, quero parabenizar a tutora Débora pela excelência profissional com que conduziu o grupo e dizer o quanto meu conhecimento sobre o assunto está sendo enriquecido. Quero pontuar também a sua "atenção" diária com o grupo, sempre alertando para o cumprimento das atividades na data solicitada.